

Editorial

O presente número da revista *Espaço Pedagógico* pretende contribuir na discussão de um tema atual, desafiador e provocativo: a relação educação e emancipação. A escolha do tema justifica-se pelas condições em que vivemos no contexto histórico atual, marcado por situações profundamente paradoxais: de um lado, as sistêmicas investidas para desacreditar as possibilidades utópicas, ou seja, a afirmação de que estamos assistindo à morte das utopias e, de outro, a necessidade de respostas que dêem sentido à existência humana para além de um pragmatismo imediatista. Não faltam experiências nem situações propositivas que apontem para alternativas de sentido diante de um cotidiano turbulento e, por vezes, traumático. Outras respostas, no entanto, não conseguem dar conta da vida como um todo nem apontam para um horizonte que vá além do efêmero. Mesmo diante da insistência dos discursos conservadores em defesa do neoliberalismo com base na tese de que utopias morreram, a realidade empírica aponta para outras direções que exigem respostas propositivas. É evidente que os mecanismos

de dominação e de exclusão se multiplicam na atualidade e se recriam com mais rapidez do que as experiências emancipatórias.

Um dos elementos fundamentais para se pensar em emancipação diz respeito à superação da condição humana de objeto para a posição de sujeito. Nenhum ser humano pode se considerar emancipado sem se assumir como sujeito, ou seja, sem que tenha elementos e condições para situar-se diante das complexas realidades que o envolvem e poder decidir com argumentos consistentes e com responsabilidade ético-social. Emancipado é, portanto, todo o sujeito que pensa, reflete e decide. É evidente que isso não ocorre de forma autônoma visto vivermos em contextos estruturados e em relações com outros sujeitos. Daí o cuidado para não se reduzir o debate sobre emancipação a um mero processo subjetivo. A emancipação implica, sempre, uma perspectiva pedagógica pessoal e também social. Freire diz que a emancipação se dá coletivamente, em relação, portanto, implica a presença de sujeitos. Na atualidade não faltam propostas que

se digam “emancipatórias”, centradas fundamentalmente no indivíduo e na libertação da *alma*. Nenhum processo emancipatório se efetiva sem que a subjetividade se transforme, mas, ao mesmo tempo, não pode deixar de transformar também relações, processos e estruturas sociais, econômicas e políticas.

Sem haver transformações efetivas e amplas, reproduzem-se, como dizia Freire, relações e práticas bancárias, nas quais é fundamental a manutenção das condições de opressores e oprimidos. O problema é que, enquanto os opressores e oprimidos são necessários, a emancipação se esvai, visto que implica a superação da condição tanto do oprimido quanto do opressor. Enquanto existirem, ambos não se emancipam, porque não podem pensar e decidir livremente. Toda relação de dominação objetifica tanto o dominante quanto o dominado visto que exige procedimentos que assegurem a opressão tanto física quanto moral-simbólica.

Nessa perspectiva, é fundamental pensar num segundo elemento, que diz respeito às possibilidades efetivas de emancipação. Trata-se de uma pedagogia emancipatória. Não é qualquer pedagogia que cria as condições para a emancipação, ou seja, uma educação emancipatória exige uma pedagogia da libertação. Para tanto, o diálogo é o requisito fundamental, vis-

to que se constitui enquanto mediação de relações entre sujeitos individuais e coletivos.

Nesse contexto mais amplo pode-se pensar nas múltiplas experiências de educação que possuem um potencial emancipatório e que se constituem nas lutas empreendidas por movimentos e organizações sociais populares, bem como no âmbito da educação formal. Essas experiências precisam ganhar visibilidade para poderem contribuir para práticas efetivamente emancipatórias e para a revitalização de utopias. É muito mais fácil o reconhecimento das práticas dominantes na medida em que elas encontram espaços sistemáticos de divulgação. As experiências vivenciadas por grupos oprimidos encontram mais dificuldades para se fazerem conhecidas e reconhecidas.

Tendo como preocupação avançar no debate sobre a relação educação e emancipação, apresentamos ao público textos produzidos por autores que têm como referência, de um modo geral, Paulo Freire. Gostaria de agradecer a participação e a colaboração de todos os autores que, de uma forma ou de outra, enfrentam em suas pesquisas e produções a desafiadora temática da emancipação.

Desejo a todos uma boa leitura.

Telmo Marcon
Editor